As cidades medievais de Georges Duby

Las ciudades medievales de Georges Duby

Janira Feliciano Pohlmann[*]
Universidade Estadual Paulista

Resumo

Neste artigo analiso como o historiador francês Georges Duby percebeu as diferentes cidades medievais em suas obras. Consolidadas entre os séculos X e XIII, as cidades medievais se desenvolveram dentro do universo feudo-vassálico e os movimentos deste processo histórico levaram a modificações profundas no tecido social. Observo, ainda, que Duby mudou sua narrativa a respeito destas cidades ao longo de seus anos de trabalho, mérito de um pesquisador disposto a reler documentos, reinterpretar contextos e revisar seus próprios textos.

Palavras-chave: Georges Duby, Cidades medievais, Historiografia.

Resumen

En este artículo analizo cómo el historiador francés Georges Duby ha percibido las diferentes ciudades medievales en sus obras. Consolidadas entre los siglos X y XIII, las ciudades medievales se desarrollaron dentro del universo feudo-vasallo y los movimientos de este proceso histórico llevaron a modificaciones profundas en el tejido social. También observo que Duby ha cambiado su narrativa acerca de estas ciudades a lo largo de sus años de trabajo, mérito de un investigador dispuesto a releer documentos, reinterpretar contextos y revisar sus propios textos.

Palabras clave: Georges Duby, Ciudades medievales, Historiografía.

● **Enviado em: 19/06/2019**
● **Aprovado em: 11/11/2019**

[*] A autora deste artigo é pós-doutoranda em História na Universidade Estadual Paulista, campus de Franca. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) no Brasil (processo 2016/20942-9) e no exterior (BEPE-Espanha processo 2017/26939-2 e BEPE-Itália processo 2018/03187-8).

Introdução

> *As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem outro bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.*[1]

Minuciosamente projetadas, como a capital brasileira, ou nascidas ao *acaso*, as cidades são construções humanas que servem aos mais variados propósitos. Ítalo Calvino sugere que elas respondem às nossas perguntas. Tem ideia de quantos habitantes residem em sua cidade? E sabe quantas são as pessoas que a frequentam diariamente por motivo de trabalho? E quantos são os visitantes? Cada ser humano carrega consiga mil facetas. Imagine quantas milhões de respostas cada cidade deve oferecer. Embora uma cidade dormitório tenha objetivos – e gentes – em comum com uma grande cidade industrial, elas servem a propósitos diferentes, abrigam e suscitam expectativas díspares.

Por isso, as cidades são únicas e possuem singularidades expressas por seus espaços, seus tempos, suas gentes e pelos discursos erigidos sobre todos estes elementos.

Baseada nestas observações, pergunto-me como eram as cidades medievais para Georges Duby. Ou melhor, como este historiador francês do século XX, especialista em Idade Média, percebeu diferentes cidades medievais em suas narrativas. Através das obras de Duby compreendo de que maneira as cidades recuperaram sua influência no seio da sociedade feudo-vassálica e ressalto, também, algumas transformações no pensamento historiográfico do autor. Uma agradável constatação, afinal, foram mais de quarenta anos dedicados ao estudo do medievo. Sei o quanto é frutífero para um historiador revisitar os documentos com outros olhos, revigorado com novas leituras e problemáticas. Duby se permitiu reconstruir suas narrativas sobre as cidades medievais e reparar equívocos que cometera ao longo de seu caminho como historiador.

"Não posso me perdoar por ter sugerido a ideia de que uma 'revolução agrícola' tivera lugar na Europa do século XII", desabafa o autor em *A história continua*[2]. Esta "revolução agrícola" foi o objeto de estudo da tese doutoral de Duby intitulada *La société aux XIe et XIIe siècles dans la région mâconnaise* (1953).

---

1 CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis.* Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003, p. 21.

2 DUBY, Georges. *A história continua.* Tradução Clóvis Marques. Revisão técnica Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p. 74.

Trinta e cinco anos depois, em 1988, percebo um historiador mais experiente que observava o século XII com outros olhos. Esta época consistia, então, em:

> Um processo de desenvolvimento que, desde Charles Hamoer Haskins[3], chamamos de "Renascimento" do século XII e que é evidentemente indissociável do longo progresso material do qual a Europa ocidental foi então o centro. Esse movimento não tem começo e nem fim; começo e fim o "Renascimento" de que falamos também não tem, assim como o Renascimento do Quatrocentos.[4]

Logo, mais do que o fruto de uma "revolução agrícola" as cidades medievais de Georges Duby eram resultantes e propulsoras da extensão das áreas cultivadas, do crescimento demográfico, do desenvolvimento do comércio, do aumento da circulação monetária, da introdução da noção de lucro, entre outros fatores.

Este historiador localiza as reorganizações das cidades entre os séculos X e XIII, uma época em que "o mundo mudava muito rapidamente"[5]. O mundo medieval de Duby estava em constante transformação. O autor foge, portanto, da noção de uma "época intermediária", sem identidade própria, em que nada acontecia e o mundo estava imerso nas trevas. José Rivair Macedo recorda que a noção de uma Idade Média vinculada às trevas foi proposta por eruditos renascentistas e iluministas, baseada em "uma perspectiva racionalista, liberal e anticlerical"[6]. Entretanto, ainda segundo este autor, desde o início do século XX, pesquisadores têm se dedicado a mostrar a originalidade inerente à Europa durante a Idade Média[7]. E Georges Duby se insere neste grupo de historiadores que promoveram esta nova maneira de se entender tal período.

Através das obras deste autor, percebo um período histórico rico em particularidades, no qual o poder monárquico francês se inseriu na constituição das cidades da região da Ilha de França, e as submeteu ao seu governo. Diferentemente do que ocorreu no sul da França. Ali, o poder real não teve grande impacto, nem mesmo com Filipe II e sua vitória na batalha de

---

3 Duby refere-se à obra *The Renaissance of the twelfth century*, publicada em 1927 por Charles Homer Haskings.

4 DUBY,Georges. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 144.

5 DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000 na pista de nossos medos.* Tradução Eugênio Michel da Silva; Maria Regina Lucena Borges-Osório. Revisão do texto Ester Mambrini. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999, p. 14.

6 MACEDO, José Rivair. "Repensando a Idade Média no ensino de História". In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 110.

7 Idem.

Bouvines, em 27 de julho de 1214, a influência monárquica se estendeu para além de Loire[8]. Sendo assim, é impossível se traçar a imagem de uma França unida e homogênea, durante o medievo. Geoges Duby ressalta as diferenças entre as cidades e as regiões; estuda as singularidades próprias da vida.

Na obra *Guerreiros e camponeses: os primórdios do crescimento econômico europeu*, o historiador francês analisou condições técnicas e demográficas, bem como organizações sociais e fatores econômicos e notou que algumas cidades medievais nasceram em um contexto de fortalecimento dos poderes principescos. Segundo Duby, na França, em meados do século XII, o apreço pelas cidades e pelo modo de vida urbano ressurgiu no seio da sociedade feudal. Depois do ano 1200, a França de Filipe II e de Luís IX (São Luís) viveu uma época de crescimento material. Uma expressiva urbanização transformou aquela sociedade. Na região central deste país este poder real esteve vinculado a este processo. Já na Alemanha, um país novo, e na Itália, afincada à tradição da *ciuitas* romana, o sistema feudo-vassálico demorou para se instalar e as cidades não tardaram a se reerguerem[9]. Jacques Le Goff também chama a atenção para o caso da Itália, uma região extremamente urbanizada, "marcada por uma certa continuidade com a Antiguidade, onde o poder e a beleza da cidade se afirmaram com mais força nos monumentos e no urbanismo"[10]. Georges Duby observou, portanto, que o processo de urbanização destas regiões não ocorreu em um mesmo ritmo. Novamente, as especificidades próprias do estudo histórico foram respeitadas. Empreendimentos financeiros, administrativos e culturais estimularam esta urbanização dos séculos XII e XIII[11].

Sabe-se o quanto os espaços são importantes no desenrolar do processo histórico. São um dos insumos que particularizam o fato histórico. O historiador deve estar atento aos lugares nos quais as histórias acontecem, bem como aos tempos e aos sujeitos das histórias. E Duby, formado em Geografia e em História, compreendia o valor dos espaços. Ele educou seu olhar e sua escrita para acentuar os elementos de sociabilidade em espaços determinados. Apesar do mundo francês ser o principal objeto de estudos deste historiador, noto que quando Duby traz para suas obras exames sobre documentos provenientes da Alemanha e da Itália o autor evidencia as diferenças existentes no processo histórico. Analisar as

8 DUBY, Georges. *A Idade Média na França, 987-1460, de Hugo Capeto a Joana d'Arc*. Tradução Clóvis Marques. Revisão técnica e apresentação Vânia Fróes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar E., 1992, pp. 219-223.

9 DUBY, Georges. *Guerreros y campesinos: desarrollo inicial de la economía europea (500-1200)*. 2ª ed. Madrid: Siglo XXI de España editores, 2009.

10 LE GOFF, Jacques. "Cidade". In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jaen-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Coordenador de Tradução: Hilário Franco Júnior. Vol I. Bauru-SP: Edusc, 2006, p. 225.

11 DUBY, Georges. "L'urbanisation dans l'histoire." In: *Études rurales*. n. 49-50, 1973, pp. 10-13. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/rural_0014-2182_1973_num_49_1_1859> Acesso em: 10/06/2019.

multiplicidades de um mesmo período é uma importante estratégia historiográfica para demonstrar a coexistência e o entrelaçamento de contextos diversos.

Este mundo que, de acordo com Duby, estava em constante mudança, viu suas terras, sua produção agrícola, sua população e suas cidades se multiplicarem. Segundo Le Goff, entre o século XII e o ano de 1340, houve um quantitativo no número de cidades nos territórios que hoje fazem parte da Europa e na população citadina. Apesar da dificuldade de se aferir estas cifras, este autor considera que "o aumento no perímetro das muralhas, o aparecimento dos burgos e dos subúrbios e a multiplicação na quantidade de paróquias, casas e catedrais" sugerem um significativo desenvolvimento urbano[12]. Naquele contexto, tudo se acelerava, inclusive a circulação dos homens. Situação que impulsionou o comércio e as viagens, principalmente aquelas que tinham como destinos os locais de peregrinação e mercados fornecedores de produtos. Novas realidades eram notadas dentro e fora das fronteiras citadinas. As cidades ultrapassaram a preeminência dos campos e passaram a submetê-los. As relações interpessoais se modificaram, assim como a dinâmica campo-cidade. As cidades comportavam e anunciavam estas mudanças. Eram, portanto, palco de múltiplas exposições que assinalavam a identidade urbana.

Vida nova para o dinheiro e para o comércio

Em 1978, na obra *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*, Duby apresenta cidades medievais compreendidas sob a figura imaginária da trifuncionalidade. Este conceito de imaginário seria essencial para a compreensão da ideologia analisada pelo autor. "A trifuncionalidade de que falo", esclarece o historiador, "está ao serviço de uma ideologia"[13]. Nesta obra, o autor examina como a ideologia de uma sociedade organizada em três ordens (*oratores*, *bellatores* e *laboratores*) foi constantemente reapropriada durante o período feudal para manter o *status quo* das elites citadinas. Conforme José D'Assunção Barros, o historiador francês analisa a ideologia "como um projeto de agir sobre a sociedade"[14].

Desde o título e durante todo o desenvolvimento deste livro Duby considera o imaginário do contexto estudado, pois desejava "avaliar o peso do mental no destino das

12 LE GOFF, Jacques. *O apogeu da cidade medieval*. Tradução de Antônio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p, 4.
13 DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo.* Tradução de Maria Helena Costa Dias. Lisboa: Editorial Estampa, 1982, p. 18.
14 BARROS, José D'Assunção. *O campo da História*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004, p, 85.

sociedades"[15]. Este intento de Duby vinha ao encontro das orientações de Marc Bloch, que convidava à procura de "atmosferas mentais" que nutriam as sociedades medievais e que por estas sociedades eram nutridas. Simultaneamente, este esforço de Duby também examinava as histórias das "sensibilidades" e dos sistemas de valores requeridas por Lucien Febvre[16]. No caminho da antropologia de Claude Lévi-Stauss, estes autores compreendiam a importância das investigações sobre elaborações inconscientes que eram – e ainda são – compartilhadas entre grupos humanos.

"Com o termo mentalidades, designávamos o conjunto vago de imagens e certezas não conscientizadas ao qual se referem todos os membros de um mesmo grupo"[17]. Para Duby, o conjunto de imagens forjado na mente estava enraizado no corporal, no material[18]. Sendo assim, apesar de ser um elemento imaterial, este imaginário é um objeto real, base de ideologias e organizador de sociedades. É, portanto, um objeto histórico, localizado no tempo e no espaço, e tão importante quanto os fenômenos econômicos e demográficos. O estudo sobre as cidades medievais deste historiador carrega consigo este ponto de vista. Por isso, compreendo que as cidades de Duby são construídas por muralhas, edifícios, arte, pessoas e pela relação estabelecida entre os seres humanos e destes com o mundo material e imaterial. Cidades visíveis (palpáveis) e invisíveis (mas reais) formavam as cidades medievais deste autor.

Duby afirma que, a partir da elaboração ideológica de uma sociedade tripartida, no século XI, o rei da cidade governava os guerreiros, os oradores e os trabalhadores[19]. Consolidadas entre os séculos X e XIII, as cidades medievais se desenvolveram dentro do universo feudo-vassálico. Os movimentos deste processo histórico levaram a modificações profundas no tecido social, fazendo com que as representações mentais desta época se alterassem. As transformações destas imagens, bem como a sua fixação em ideologias, é foco dos estudos desenvolvidos por Georges Duby em *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*.

Em um mundo de oradores, guerreiros e camponeses, nascia um novo conjunto de valores baseados no ambiente citadino:

> Nos primeiros decênios do século XII, o incremento econômico chegara, no Norte da França, a conceder à moeda, quer dizer às transações comerciais,

15 DUBY, Georges. *A história continua,* p. 112.
16 Duby revela que leu com a mesma paixão Marc Bloch e Lucien Febvre. DUBY, Georges. *A história continua,* p. 85.
17 DUBY, Georges. *A história continua,* p. 91.
18 DUBY, Georges. *A história continua,* p. 88-89.
19 DUBY, Georges. *As três ordens...*, p. 379.

> portanto às cidades, um papel comparável ao que elas haviam tido um milênio antes, nas relações de sociedade.[20]

Embora o modelo ideológico da trifuncionalidade tenha influenciado por muito tempo diversas relações sociais, ele deixara de responder às novas categorias que se fortaleciam no contexto da reestruturação das cidades. Conforme Duby, talvez tenha sobrevivido "num outro setor da cultura profana, cavaleiresca, que escapa então por completo à nossa observação"[21]. Certo é que tal modelo não convinha ao universo citadino.

Na França do século XII, a multiplicidade dos personagens ficou ainda mais evidente. Mercadores, intelectuais, banqueiros e artesãos se tornaram trabalhadores essenciais no mundo urbano. Indivíduos vinculados a uma economia monetária que se consolidava naquele momento. Corporações de ofícios foram criadas para organizar hierarquicamente os profissionais. Profissões e dinheiro caminhavam lado a lado no mundo urbano. Atento a estes diferentes objetos de estudo e às novas problemáticas da História, Georges Duby seleciona uma variada documentação para suas pesquisas e emprega as técnicas de análise que cada um de seus objetos e documentos exigem.

Sobre o desenvolvimento monetário e as transações comerciais, o historiador afirma que especialmente o trabalho assalariado não era uma novidade nas sociedades ocidentais. Todavia, perto do ano mil e imerso em uma economia de trocas, o dinheiro passou a circular mais depressa. As permutas por dinheiro, antes uma exceção, se tornaram regras. Os senhores aceitavam e sugeriam que os habitantes dos burgos pagassem suas dívidas com moedas[22].

Afastados dos campos e encostados nas cidades, os moradores dos burgos, ajudaram a dar o tom à esta sociedade. Duby destaca que, no século XI, cartas cluniacenses denominaram separadamente os "burgueses"[23]. Neste caso, ele notou um discurso que admitia um espaço social diferente do campestre; um ambiente urbano com estruturas próprias no qual viviam especialistas na arte de negociar.

Contudo, o historiador ressalta que nesta época o comércio não era praticado apenas por profissionais. Os camponeses participavam destas trocas com a venda de seu trabalho e dos produtos do campo[24]. Observo que, em determinadas ocasiões, estes camponeses se associavam entre si para participarem de expedições comerciais a terras distantes. Nas

---

20 DUBY, Georges. *As três ordens...*, p. 236.
21 DUBY, Georges; LARDREAU, Guy. *Diálogos sobre a Nova História*. Tradução Teresa Meneses. Lisboa: Dom Quixote, 1989, p. 55.
22 DUBY, Georges. *A Idade Média na França...*, p. 162.
23 Georges Duby cita os documentos maconeses: *Cartulaire de Saint-Vicent-de-Mâcon,* n. 548 (1079-1096) e 598 (1096-1124) e *Recueil des Chartes de l'abbaye de Cluny*, n. 3726 (1097). In: *As três ordens...,* p. 238.
24 DUBY, Georges. *A Idade Média na França...*, p. 162.

cidades, os servos se libertavam da servidão dos campos e eram integrados à economia. Estes trabalhadores já não cabiam na denominação *laboratores* do cluniacense Aldaberão de Laon, pois não exerciam apenas a função de abastecer os senhorios e as cidades com gêneros variados. Eles trocavam matérias-primas e sua força de trabalho por moedas; aperfeiçoavam-se e emancipavam-se, por vezes, enriqueciam. A mobilidade social era cada vez mais visível, o que dificultava o enquadramento dos sujeitos históricos em categorias estanques.

No final do século XI, segundo Duby, traficantes da Itália se juntaram a mercadores franceses para percorrer os caminhos dos vendedores de vinhos, de especiarias e de tecidos. A proliferação dos centros urbanos e uma burguesia dinâmica e em crescimento exigiu o aumento e a diversificação de produtos alimentícios, têxteis e minerais que respondessem às novas demandas. "Os ferreiros haviam-se espalhado pelas aldeias no século XI, relhas de ferro eram forjadas em todos os lugares, assim a produtividade das terras cresceu consideravelmente"[25]. Noto, portanto, que as cidades medievais deste historiador se constituíam, então, como espaços de produções e de trocas, onde artesanato e comércio eram movidos por uma economia monetária.

O universo citadino que Duby ressalta em seus textos requeria relações e produtos próprios, que o identificava e o diferenciava do mundo senhorial e rural – formado essencialmente por alguns edifícios de pedras e por fazendas. Os trabalhadores rurais e os citadinos forneciam o alimento e a mão-de-obra às cidades medievais, situação que demonstra um dinamismo entre estes centros. Todavia, a oposição entre campo e cidade crescia na medida em que os centros urbanos se desenvolviam.

A França do século X criou feiras e mercados para proporcionar trocas próximas e distantes. Não demorou muito para esta prática se difundir por terras europeias. No século XII, estes centros de trocas eram uma grande atração na Champanha.

> Os mercadores deste tempo eram errantes, homens de aventura, mas fixavam os seus entrepostos nas cidades. Cidades que eles repovoaram. No extremo norte da Gália, Roma fundara poucas cidades, e essas tinham-se pouco a pouco se dissolvido no meio duma barbárie mais profunda. [...] Mas no centro da Frância, as velhas cidades romanas eram mais densas e vigorosas. Os negociantes instalaram-se ao pé das suas muralhas[26].

Ao pé das muralhas francesas nasciam os burgos e uma rica burguesia se concentrava nas praças comerciais. As obras de Duby abordam situações em que o comércio havia sido

25 DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000...*, p. 31.
26 DUBY, Georges. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980-1420)*. Tradução José Saramago. Lisboa: Editorial Estampa, 1979, p. 114.

facilitado, exigindo que os trabalhadores envolvidos se profissionalizassem e criassem corporações de ofícios. O ritmo dos negócios aumentou e as riquezas se acumularam. Não as riquezas de terras, como na sociedade feudo-vassálica, mas os valores móveis, o dinheiro. No século XIII, o ofício do mercador profissional se consolidou. E os cambistas, que faziam empréstimos a juros, aos poucos, se tornaram banqueiros.

Em seu *Atlas histórico mundial*, Duby afirma que estes mercadores se aventuravam para terras distantes da Ásia e do norte europeu à procura de açúcar de cana, especiarias, seda, sal, madeiras, peles, mel, ouro, prata e de outros produtos que foram integrados ao comércio de luxo. Os senhores das cidades e os ricos burgueses desejavam servir os melhores vinhos e as mais distintas comidas em seus banquetes[27]. Neste ensejo, noto que a elevação do nível de vida alavancou o artesanato tanto quanto o comércio. Novos materiais para tingimento e o trabalho especializado com a lã produziam tecidos de qualidade. Tais tecidos coloridos eram utilizados para ornar pessoas e casas. O ouro e a prata, além de serem empregados na cunhagem de moedas, eram transformados em belas joias que adornavam chefes de poderes, burgueses e residências. A riqueza se acumulava nas cidades e as enfeitava.

O mercador profissional colhia os frutos deste comércio e fazia fortunas, mas também corria os riscos próprios do negócio. Por água ou por terra, as viagens foram frequentes durante a Idade Média, mas nem sempre seguras. Rios e mares eram as principais vias de circulação. E os piratas sabiam disso. Saqueadores e guerreiros em deslocamento não perdiam a oportunidade de roubar mercadorias. Sobre os vikings, Duby afirmou: "Eles chegavam de barca, subiam o Loire, o Sena, o Garona, penetravam muito longe do território [...]. O que lhes interessava era o saque"[28]. A pressa com que o mercador cruzava estes caminhos marinhos, fluviais e terrestres nem sempre o poupava de ter seus produtos e até mesmo sua vida perdidos.

Todavia, o historiador salienta que, por vezes, os vikings "instalavam-se permanentemente, construíam um acampamento na foz do rio, e aí hibernavam. Esse acampamento transformava-se num mercado. Os períodos de agressividade e os de negociações se alternavam"[29]. É fato que o medo do estrangeiro, do "outro", rondava os pensamentos e as atitudes de homens e mulheres no medievo. Porém, este "outro" também os atraía e deles se aproximavam, estimulando o crescimento econômico. O que dizer da habilidade dos judeus no comércio do dinheiro? Seus empréstimos a juros, apesar de

27 DUBY, Georges. *Atlas histórico mundial: la historia del mundo en 317 mapas*. Madrid: Editorial Debate, 1987, pp. 52-53.
28 DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000...*, p. 54.
29 DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000...*, p. 55.

condenados pelos eclesiásticos, foram essenciais para o desenvolvimento comercial e das cidades.

Na França, especialmente a partir do século XII, a corriqueira circulação monetária impôs novas relações socais, culturais e políticas. E as cidades medievais narradas por Duby agenciaram e abrigaram novos sistemas de valores, articulados conforme seus ritmos particulares – visíveis e invisíveis. Esta revalorização do mundo urbano fez com que, pouco a pouco, senhores seculares e espirituais transferiram suas residências e seus interesses dos campos para as cidades.

Os tons cristãos nas cidades medievais

Nos livros *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980-1420)* e *As três ordens ou o imaginário do feudalismo* observo como elementos da cultura cristã, propagados a partir dos mosteiros, impulsionaram amplos movimentos culturais ao fazer a sociedade terrena seguir a divina como modelo. Conforme Duby, a realeza divina inspirava o rei medieval. Esperava-se que o rei do século XI fosse cavaleiro, para assegurar a justiça e a paz, e sábio, para ler nos livros ensinamentos sobre a boa governança[30]. Este rei justo e sábio era semelhante a Deus e serviria de modelo de comportamentos social e religioso para seus súditos.

Duby nos conduz por mudanças e parcerias ocorridas entre o final do século X e início do XV que fortaleceram os poderes temporal e espiritual urbanos em detrimento dos campestres. Neste cenário, autoridades temporais e espirituais transferiram suas residências para as cidades, o rei se libertou dos laços de feudalidade, a arte se tornou urbana e a ciência passou a ser comercializada, especialmente nas universidades. Na Ilha-de-França, as catedrais exibiam alianças entre o poder temporal e espiritual. "Em Paris, a catedral e o palácio encontravam-se face a face – o bispo e, atrás dele, os seus clérigos; o rei e, atrás dele, os seus nobres"[31]. Portanto, além de um ambiente de produção e de trocas, compreendo que a cidade era palco de exibição destas transformações sociopolíticas e culturais.

Na França, até o início do século XII, os poderes locais e rurais conservaram o vigor do monaquismo. Os abades administravam senhorios compostos de clérigos, camponeses e cavaleiros. Duby afirma que, a partir do final do século XI, confiou-se aos sacerdotes a formação de rapazes, mesmo daqueles que não pertenciam a alta nobreza. Neste contexto, foram necessários investimentos para suprir os conhecimentos livrescos e senhores de poder

30 DUBY, Georges. *O tempo das catedrais...*, pp. 21, 28.
31 DUBY, Georges. *As três ordens...,* p. 241.

intermediário fundaram perto de suas casas diversos colégios de cônegos[32]. O historiador francês percebe que em torno destes "intelectuais" se formava uma nova cultura, a qual encontrou no patrocínio leigo os meios para se alastrar e que foi bem recebida nas cidades emergentes.

Neste contexto de poderes temporais e espirituais que se relacionavam e se enfrentavam, Duby observa que, também fruto destes movimentos culturais estimulados nos monastérios e nos colégios, o renascimento urbano alimentou um produtivo sistema fiscal que taxava a circulação e as trocas ocorridas nas cidades. E o dinheiro proveniente destas taxações promoveu simultaneamente o bispo e o príncipe laico.

Como mencionado, após a fragmentação do poder temporal francês, ocorrida a partir do século X, as autoridades temporais foram restabelecidas em torno de reis e príncipes no século XIII. Nesta circunstância, o poder monárquico francês participou da organização de parte das cidades medievais e, ao mesmo tempo, as submeteu a ele. O campo deixara de ser o cenário principal da vida e estava subjugado aos interesses urbanos. Era a vez da cidade. O rei e o líder religioso citadino, ou seja, o bispo, exibiam seus poderes no contexto citadino por vezes, de forma antagônica e, outras vezes, amistosa. Na Paris que Duby destacou que "a catedral e o palácio se encontravam face a face", a arquitetura citadina concretizava a relação entre estes poderes.

No século XIII, os monastérios, construções física e socialmente campestres, perderam sua força perante as catedrais que eram as igrejas da cidade, conduzidas pelos bispos. No século anterior, por volta de 1130, o confidente dos reis franceses Luís VI e Luís VII, o abade Suger, iniciou um processo de reconstrução da abadia de Saint-Denis que foi concluída por bispos, ou seja, por sacerdotes das cidades renascentes. De acordo com Duby, estas inovações serviram de modelo para a construção de muitas catedrais e marcaram o início da arte gótica na Ilha-de-França:

> As inovações arquiteturais de Saint-Denis prolongaram-se entre 1155 e 1180 em Noyon, em Laon, em Paris, em Soissons, em Senlis, na descendência das catedrais da França. [...] A transferência da iniciativa artística da abadia para as catedrais acompanhava por outro lado o profundo movimento das estruturas sociais. O grande avanço na Gália do Norte arrastava-a consigo[33].

As cidades congregavam a noção da proteção da luz divina e materializava esta ideia através da iluminação de suas catedrais. Na França, os triunfos monárquico e episcopal deram

32 DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens...*, p. 152.
33 DUBY, Georges. *O tempo das catedrais...*, p. 113.

o tom a uma arte gótica serena e estampada nos prédios religiosos que embelezavam e fortaleciam o mundo urbano. E este movimento gótico vinculado ao mundo das catedrais, em pouco tempo, ganhou força em terras da Champanha, Picardia e Inglaterra.

A multiplicidade das cores estampadas nos vitrais e das técnicas empregadas na edificação destes templos também ressaltavam a variedade de grupos humanos e a abundância de materiais existentes nas cidades. Arquitetos, matemáticos, artesãos, mercadores, clérigos e reis trabalhavam em conjunto para fazer da igreja episcopal uma referência de poder que legitimava a importância de sua própria cidade dentro de uma rede de relações com outras cidades. Todas estas vinculações celebravam princípios urbanos. Novas hierarquias e riquezas precisavam ser anunciadas.

Nesta circunstância, as novas identidades, sobretudo a burguesa, foram registradas nas catedrais. Os homens de negócios investiam seu dinheiro na edificação ou na ornamentação destes templos e, muitas vezes, mandavam gravar o nome de suas famílias – ou o símbolo de suas confrarias – nos coloridos vitrais das catedrais. Constrangido pelo pecado do dinheiro, muitos indivíduos ricos viam nestas obras um caminho para a remissão de seus pecados.

Estas práticas ganharam notoriedade e, mesmo com algumas modificações, se propagaram por espaços e tempos diferentes. Aqui, peço licença para fazer uma ligeira digressão espaço-temporal. Ainda hoje, em terras brasileiras, esta tradição se faz presente. Em maio de 2016, conheci o Santuário de São Benedito, construído em 1947 na cidade paranaense da Lapa. Nesta igreja, fui guiada pela narrativa simples de um morador da região que, em seus momentos de folga do trabalho no campo, voluntariamente recebe aqueles que visitam o santuário. Quase todos os vitrais do edifício e muitos de seus bancos exibem nomes de famílias e de congregações – religiosas e seculares. Em um misto de orgulho e emoção, meu guia me contou que todas aquelas pessoas, cujos nomes eu via estampados, tinham investido recursos financeiros na construção daquele santuário. Os grupos mais abastados deixaram suas marcas nos vitrais. Os mais modestos, nos bancos. No final da visita, meu guia me fez parar ao lado de um banco de madeira, à direita de quem entra no santuário. Apontando para um nome ali gravado, disse-me que aquele era o nome de sua comunidade, e que, embora as pessoas dali não possuíssem muito dinheiro, tinham se unido para ajudar naquela empreitada. Aquele senhor me mostrou seu desejo por um local de culto, por um recanto sagrado. Observo, então, persistências medievais mesmo em um continente que não viveu a Idade Média. Continuidades reelaboradas pululam o processo histórico e o historiador deve estar atento a elas para reconhecer mudanças e semelhanças.

De volta ao universo analisado por Duby, no século XII, as catedrais eram também escolas. O ensino, antes encerrado nos claustros monásticos, passou a ser dever do bispo. "Mas este é um senhor demasiado grande: assiste nas cortes dos reis; julga; é visto, couraçado, a conduzir expedições militares. A maior parte das vezes, entrega, portanto, as suas funções intelectuais aos clérigos da sua igreja, aos cónegos"[34]. De acordo com o autor, este movimento que transferiu dos campos para as cidades a atividade escolar e a criação artística modificou o próprio estilo de estudo. No ambiente silencioso do monastério o jovem se ligava a um tutor e apenas com ele desenvolvia sua aprendizagem. Já na sede episcopal, os jovens se reúnem com seu mestre para lerem e discutirem um livro. Este novo estilo de ensinar, em formato de aula, trouxe para as escolas cada vez mais grupos de alunos. Duby salienta que, no século XII, as escolas de Laon e Chartres se destacavam quando tiveram seu brilho diminuído com a finalização das obras em Saint-Denis, em Paris[35].

Percebo que o dinamismo e a socialização que movia os negociantes, contagiava os estudantes citadinos. E estes estudantes não estavam trancados e afastados do mundo secular, como acontecia nos monastérios. Eles se reuniam para debater e percorriam as ruas exibindo seus conhecimentos em alto e bom som. Liam, argumentavam e contra-argumentavam com fervor. As ciências ganharam novos espaços e passaram a ser comercializadas. Na escola da catedral as façanhas com as palavras eram incentivadas pelos mestres. Sendo assim, contar com grandes mestres era uma receita de sucesso para estas escolas, afinal, os estudantes mais abastados percorriam longos caminhos para alcançarem uma boa formação.

Em grande parte, a glória da escola episcopal de Paris, sediada em Saint-Denis, foi obra Pedro Abelardo. Um mestre que, por volta de 1150 reunia em torno de si centenas de alunos vindos da Ilha-de-França, dos países germânicos e da Inglaterra para participarem de suas aulas[36].

Nestas escolas urbanas, o ensino se voltara à clássica tradição do *trivium*, cujas disciplinas eram a gramática, a retórica e a dialética. "Em Laon e sobretudo em Paris, a dialética tornou-se o ramo principal do *trivium*. Arte do raciocínio, exercício da *ratio*, a dialética coloca na primeira linha das faculdades do clérigo a razão, 'honra do homem', como proclamara cem anos antes o mestre Bérenger em Tours"[37]. Observo que as técnicas de ensino de Abelardo contribuíram muito para esta valorização. Questionamentos, suposições afirmativas e negativas com relação a passagens das Escrituras e o raciocínio lógico faziam

34 DUBY, Georges. *O tempo das catedrais...*, p. 117.
35 Idem.
36 DUBY, Georges. *O tempo das catedrais...*, pp. 117-118.
37 DUBY, Georges. *O tempo das catedrais...*, p. 119.

parte do método escolástico desenvolvido por este mestre de Paris com base na dialética. Franco Alessio chama a atenção para o nascimento das universidades no final do século XII e alega que, desde esta época, universidade e escolástica estiveram vinculadas entre si[38]. O desenvolvimento deste método de estudo fez Abelardo triunfar e conquistar notoriedade, porém, simultaneamente, o fez ganhar inimigos poderosos, como o abade cisterciense Bernardo de Claraval.

À volta dos mestres universitários, inicialmente um público essencialmente eclesiástico se reunia para investigar a essência das palavras, pois, apesar dos estudos não serem pagos, os alunos precisavam ter suas necessidades vitais e estudantis atendidas durante este processo. Porém, a partir do século XII, este público se diversificou: reis, imperadores e burgueses passaram a manter seus futuros funcionários nestas corporações de estudo. Os burgueses também fizeram questão de que seus filhos integrassem as fileiras estudantis.

Considero que as cidades são feitas das relações entre seus espaços e sua gente. Mais do que espaços físicos e delimitados, nestes locais observo a potência dos elementos invisíveis e imateriais. Diferentes pessoas se relacionam com e nos espaços citadinos, por eles e neles são influenciadas. Na diversidade das cidades medievais cabiam perfeitamente as atividades mercantes e universitárias. A própria movimentação gerada pelos negociantes nas estradas beneficiava os viajantes, muitos deles, estudantes. Ao longo do século XII, os instrumentos do raciocínio lógico foram aperfeiçoados e propagados por terras europeia. Os saberes também viajavam. Como se procurava expandir as técnicas de raciocínio, não demorou para espanhóis, italianos do sul da península e franceses descobrirem as matemáticas dos povos islâmicos. Duby esclarece que em meados do século XIII, os sábios da universidade de Paris possuíam tanto conhecimento sobre as leis do mundo que foram capazes de calcular o comprimento do meridiano da Terra com uma exatidão quase perfeita[39]. E, ainda no século XII, o comércio, a administração dos bens e a arquitetura lucraram muito com a matemática:

> No seio das classificações do saber que substituem pouco a pouco o esquema do antigo *trivium*, a geometria, a aritmética instalam-se em bom lugar [...] Este recurso eximia a nova arquitetura ao empirismo das construções românicas. A sua armadura lógica libertava-a do material, autorizava-a a conceber edifícios menos apertados, menos atarracados, mais translúcidos. Finalmente, o cálculo dos matemáticos proporcionava o meio de dar realidade a estas construções racionais. Os arcobotantes, que foram inventados em Paris em 1180 para erguer mais alto a nave de Notre-Dame, são filhos da ciência dos números[40].

38 ALESSIO, Franco. "Escolástica". In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jaen-Claude. *Op. cit.*, p. 367.
39 DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000*..., p. 138.
40 DUBY, Georges. *O tempo das catedrais...*, p. 121.

Os arcobotantes (meio-arcos erigidos na parte externa das catedrais), distribuíam adequadamente o peso da construção entre as paredes e as colunas. Esta divisão do peso do material convidava os construtores a chegarem mais perto do céu. Mais perto de Deus! Os vãos livres que os arcobotantes proporcionavam eram preenchidos com coloridos vitrais repleto de imagens religiosas. Elas contavam histórias importantes, consideradas sagradas e evangelizavam especialmente aqueles pouco ou nada letrados, ou seja, a maioria dos indivíduos que viveram na Idade Média.

O papel evangelizador carregado por estes vitrais vai além das imagens ali representadas. Estes vitrais também traziam para dentro das catedrais a luz solar, entendida como a luz de Deus. "No coração da obra, esta ideia: Deus é luz. Desta luz inicial, incriada e criadora, participa cada criatura"[41]. Para Duby, esta noção sustentou a renovação arquitetônica proposta por Suger para a abadia de Saint-Denis e foi a chave para a construção das catedrais. Noto que, nas cidades francesas, estes novos e luminosos prédios religiosos representavam o entusiasmo do século XIII, decorrente das novas condições de vida resultantes do renascimento urbano, dos crescimentos mercantil e agrícola, e do desenvolvimento de novas lógicas de raciocínio.

A inserção da matemática nas terras do ocidente medieval também aprimorou a administração dos bens e o sistema fiscal. A necessidade de gerir melhor os negócios fez com que os números passassem a ser utilizados em escala mais ampla. E os números romanos dificultavam esta tarefa. Neste ínterim, os números aramaicos se difundiram. Duby considera que a reforma da Igreja, iniciada no século XI, e os ganhos financeiros provenientes da nova lógica matemática intensificaram a prática do patrocínio:

> Aprendeu-se a contar, a prever. [E no século XII] as disposições administrativas tomadas por Suger, abade de Saint-Denis, por Pierre le Vénérable, abade de Cluny, dão testemunho desse esforço de organização do qual os domínios da Igreja saíram revigorados [...] As igrejas estabelecidas em meio urbano se tornavam particularmente prósperas. Elas participavam dos lucros das taxas frutuosas obtidas nas cidades em crescimento sobre a circulação e as trocas. Elas recolhiam as doações piedosas da burguesia, mais generosas porque os negociantes estavam menos seguros de sua salvação[42].

As dúvidas sobre a salvação da alma aumentavam na proporção dos lucros obtidos com a economia monetária. Em busca da remissão dos pecados provenientes do dinheiro,

41 DUBY, Georges. *O tempo das catedrais...*, p. 105.
42 DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens...*, p. 148.

benfeitores leigos passaram a investir parte de seu capital na construção e ornamentação das igrejas urbanas. Duby salienta que os detentores destas riquezas se sentiam obrigados a participar destes empreendimentos sagrados. E a edificação dos monumentos religiosos, antes uma função específica do rei, no século XII, passou a ser responsabilidade de toda a aristocracia[43]. Conforme menção anterior, o rei justo e sábio era modelo para o indivíduo medieval. Sendo assim, imitar as práticas dos soberanos fazia parte da conduta dos súditos. E esta participação ativa dos leigos nas construções, manutenções e no embelezamento dos edifícios religiosos citadinos ofereceram um novo visual às cidades medievais e estabeleceram novas concorrências de poderes.

Observo, então, um intenso movimento político, econômico, social, cultural e religioso em torno das catedrais. O desenvolvimento de novos estilos de ensino, o descobrimento (a elaboração!?) de novos sentimentos com relação ao saber, o aumento no número e a diversificação dos grupos estudantis, o investimento financeiro e a proteção oferecidos a estas instituições pelo papa, por reis e pela nova burguesia fomentaram o nascimento das primeiras universidades no ocidente medieval. E o palco propício para estas relações, edificações e instituições era a cidade.

O indivíduo e a coletividade nas cidades medievais

Nestas cidades, o dinheiro circulava rapidamente e as riquezas se acumulavam nas mãos dos chamados "plebeus". Conforme Duby, André, o capelão, em seu tratado *Sobre o amor*, identificou os "plebeus" como homens que estavam no nível mais baixo dos negócios com dinheiro[44]. Os plebeus que se destacavam como "novos ricos" eram motivo de zombaria devido aos seus maus hábitos, por isso, tentavam imitar "as maneiras de viver dos homens de boa cepa, os bem-nascidos, os 'fidalgos'"[45]. Situação que propagou o modo de vida cortesão para além das cortes francesas e, inclusive, reivindicou que a literatura o promovesse através de seus romances. O que dizer dos atos de coragem e de delicadeza do lendário rei Artur e de seus Cavaleiros da Távola Redonda? Narrados por diversos autores do século XII, entre eles o francês Chrétien de Troyes, o comportamento cortesão caracterizava os personagens destas histórias heroicas.

43 *Idem*, pp. 149-150.
44 DUBY, Georges. *A Idade Média na França...*, p. 171.
45 Idem, p. 165.

Sempre em busca das particularidades, Duby novamente salienta as diferenças existentes entre o mundo francês e o italiano, desta vez quanto à esfera mercantil: "Enquanto nas cidades francesas a comuna já era constituída por burgueses, aqui [na Itália] continuava a ser aristocrática"[46]. Sendo assim, os nobres italianos participavam ativamente do comércio. A nobreza se aproximava dos burgueses italianos, e estes, adotavam a maneira de viver dos nobres. Na França, a cultura cortesã, baseada na aristocracia, ajudou a difundir uma cultura nobre propensa ao luxo. As praças mercantis alimentavam esta cultura e enriqueciam a burguesia. Uma burguesia que emprestava dinheiro aos senhores, comprava terras e impulsionava a economia monetária. "Em França, no entanto, no final do século XIII, todos os burgueses continuavam a ser rústicos. Não na Itália, o verdadeiro país das cidades" e da economia monetária[47].

O historiador francês salienta que a partir do século XIV, alargou-se a noção do poder civil na França. A concepção do poder pontifical, imperial e real se afastou dos valores religiosos e aproximou-se do profano. Houve uma laicização do poder, aos moldes do antigo Império romano e da coetânea Itália: "Ora, foram estes valores, universitários e cavaleirescos, que dominaram os poucos grandes homens de negócios que, na sociedade urbana, constituíam aqui e além, sobretudo na Itália, [...] um mecenato verdadeiramente criador"[48].

Este mecenato embelezava as cidades, construía prédios e praças comerciais e estimulava as relações que se desenrolavam no ambiente urbano. Um movimento que alimentava o comércio e as edificações citadinas e que, por sua vez, gerava mais riquezas para aqueles que ali investiam. E este incremento na circulação monetária separava cada vez mais o campo da cidade. Os camponeses, dos citadinos.

Desde o século XI, tanto na Itália quanto na França, tecidos e especiarias eram os produtos mais lucrativos para os negociantes. Homens que se instalavam nas feiras e eram protegidos pelo príncipe francês, pois financiavam suas políticas e investiam nas suas cidades reais. Riqueza e luxo se concentravam nestas cidades enquanto os campos eram invadidos por epidemias e pela miséria.

O dinheiro encontrava um lugar decisivo nas modificações ocorridas durante a Idade Média. Os camponeses se endividavam cada vez mais e precisavam buscar outras maneiras de viver e outros locais de moradia. De acordo com Duby, os jovens camponeses deviam deixar suas casas e escolher entre desbravar novas terras ou partir para as cidades. Florestas foram

46 DUBY, Georges. *O tempo das catedrais...*, p. 173.
47 Idem, pp. 171-172.
48 Idem, p. 199.

devastadas para dar lugar à área agrícola e a novos vilarejos[49]. Mais terras estavam disponíveis para o trabalho, necessitava-se de mais mão-de-obra e mais alimentos eram produzidos. Tais circunstâncias favoreceram o crescimento demográfico.

Nas cidades, os camponeses recém-chegados eram atraídos para o artesanato que se desenvolveu amplamente devido à melhora ocorrida no nível de vida. Duby elucida que "trabalhava-se a lã, a madeira, e fabricavam-se tecidos de qualidade cada vez melhor, que eram tingidos. Empregados eram criados junto aos tecelões, tintureiros, curtidores, carpinteiros, vidraceiros, pedreiros. Mas não havia trabalho para todos"[50]. Portanto, se por um lado, estas ondas migratórias ofereciam trabalhadores às cidades, por outro lado, indigentes se empalhavam pelas ruas e colocavam o citadino face a face com a miséria.

Duby explica que a pobreza não era uma novidade nesta época, entretanto, ela era sazonal, ocasionada por crises trazidas pela fome ou por doenças: "A sociedade da Idade Média central, a feudal, era uma sociedade campesina em que não havia miséria, mas sim pobreza"[51]. Era uma pobreza compartilhada por toda a comunidade, como a que ocorrera no ano mil. Tais flagelos moviam a solidariedade familiar e senhorial. "Os ricos eram forçados à caridade, praticada ritualmente, maquinalmente"[52].

Entretanto, o historiador ressalta que, no decorrer do século XII, estes hábitos de caridade se modificaram. Nas cidades, a miséria não era vivida em comunidade. Era uma pena imposta ao indivíduo que nada ou quase nada ganhava com a economia monetária[53]. Frente a esta nova realidade, o conde Carlos de Flandres foi conhecido por sua generosidade com os pobres. A eles, distribuía pães e, por eles, tentava evitar que os grãos fossem vendidos a preços exorbitantes. Vinte anos mais tarde, Thibaud, conde de Champanha, se desfez de seu patrimônio e distribuiu esmolas aos necessitados. Gestos simbólicos de caridade já não cabiam naquela sociedade. "É de então que data a fundação, em todas as cidades, das casas santas, dos hospícios em que uma confraria se dedica ao serviço dos indigentes"[54].

Noto que as cidades, invadidas por emigrantes destituídos de laços comunitários, precisaram organizar maneiras de substituir a solidariedade familiar e senhorial. Os pobres representavam um perigo diante do desenvolvimento econômico. Por isso, assim como os

49 DUBY, Georges. *Ano 1000, Ano 2000...*, p. 43.
50 Idem.
51 DUBY, Georges. "Entrevista com Georges Duby". In: Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría. Entrevista realizada el 19 de marzo de 1994 por el Consejo de Redacción. 14(50), 1994, p. 474. Disponível em: <http://revistaaen.es/index.php/aen/article/view/15390/15251> Acesso em: 18/06/2019.
52 DUBY, Georges. *A Idade Média na França...,* p. 164.
53 DUBY, Georges. *As três ordens...,* p. 239.
54 DUBY, Georges. *A Idade Média na França...,* p. 164.

loucos e os leprosos, eles precisavam ser afastados do convívio social[55]. Se por um lado, as instituições de caridade tentavam fornecer o mínimo de dignidade a estas pessoas, por outro lado, escondiam esta gente dos olhares cotidianos e mantinham as ruas das cidades livres para as atividades que impulsionavam a economia e o saber.

Neste contexto, as instituições de caridades e as confrarias se espalharam por toda a Europa. Amante das artes e um estudioso de variados tipos de documentos, no livro *Ano 1000, ano 2000...*, Georges Duby apresenta dois afrescos de Domenico di Bartolo pintados no Hospital Santa Maria della Scala, na cidade italiana de Siena. Estas obras são datadas de 1443 e intituladas: *Sala das lactantes*[56] (p. 42) e *Sala dos peregrinos*[57] (pp. 36, 47). Através de imagens e de documentos escritos, o historiador demonstra a importância das instituições de caridade bem como mudanças na atmosfera mental das sociedades daquela época.

As cidades medievais abrigavam estas construções (físicas e mentais) e aqueles que necessitavam de ajuda. Uma concentração de mazelas administradas por confrarias nas quais homens ricos investiam parte de suas riquezas para se verem livres do pecado gerado pelo dinheiro – uma ideia notadamente cristã que anunciava a salvação da alma após a vida. As esmolas provenientes desta próspera burguesia francesa foram empregadas na construção de catedrais, na pregação e na caridade. Edificações e ações conduzidas pelos eclesiásticos e, a partir do século XIII, principalmente pelas ordens mendicantes, que sobreviviam de doações, faziam votos de pobreza e, portanto, transformaram-se em um segmento importante da igreja católica neste período marcado pela expansão econômica e demográfica, pelo fortalecimento de novos agentes sociais, por caridade, mas também, pela violência.

Duby salienta que as pessoas eram violentas e que as brigas entre si eram constantes, porém, os roubos eram mais raros. Nas cidades francesas, organizados em associações, jovens solteiros eram autorizados a praticar o estupro, vitimando especialmente mulheres em situação marginal. Todavia, "as estruturas da sociedade eram suficientemente sólidas para conter a violência, para sufocar os germes de discórdia. A maioria dos conflitos acertava-se entre vizinhos, ou no seio da família"[58]. Casas de prostituição foram construídas para conter os impulsos sexuais dos homens e os crimes eram punidos cruel e publicamente, pois a punição servia de castigo e de exemplo, para evitar más condutas.

Contudo, o historiador esclarece que espaços pacíficos também constituíam as cidades medievais:

55 DUBY, Georges. *Entrevista com Georges Duby*, p. 474.
56 DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000*..., pp. 42-43.
57 DUBY, Georges. Idem, pp. 36-37.
58 DUBY, Georges. Idem, p. 112.

> Existiam zonas pacíficas, a praça e o mercado em especial, que eram particularmente vigiadas, porque aí havia dinheiro, coisas tentadoras, estrangeiros e oportunidades de brigas entre o comprador e o vendedor. Havia também esses recintos em torno das igrejas, sinalizados por cruzes, nos quais toda a violência era proibida[59].

Observo, então, o quanto a instalação dos mercados e a edificação das catedrais foram profícuas para o desenvolvimento da área urbana. Além de atraírem o comércio para dentro das cidades e promoverem ali novos saberes, ainda se estendia ao redor destas construções o manto da paz, ou, ao menos, o aparato público que tentava frear a violência nestes espaços.

Muitos dos livros de Duby mostram que, entre os séculos X e XII, as terras francesas sofriam ameaças constantes dos cavaleiros que se organizavam em bandos para saquear os campos e violentar mulheres. Em grande parte, coube a igreja, através de seus cânones de paz e da elaboração de uma ética cavaleiresca, conter a violência destes guerreiros.

Lugar de trocas, de produção, de diálogos entre intelectuais, de caridade institucionalizada, de violência e de disputas de poderes, as cidades medievais também eram palco da morte. Em alguns casos, da "bela morte" como a de Guilherme, o marechal[60]. Uma morte procedida de festas, com um vasto número de espectadores. Outras vezes, a morte celebrada rapidamente, como ocorria nos episódios de epidemias.

Duby afirma que por volta de 1300 o número de habitantes começou a decair, e a Europa foi obrigada a recuar, abandonando muitas de suas terras improdutivas. Quadrilhas, salteadores, profissionais da guerra pilhavam propriedades e saqueavam comerciantes. A estes inimigos, somaram-se várias epidemias e a peste negra (1348-1350)[61].

Percebo que, neste período a morte era vista nas ruas a qualquer hora do dia ou da noite. E a sua constância, imprevisibilidade e imparcialidade impregnou até mesmo arte e a literatura. Cerca de um terço da população europeia foi consumida pela peste negra. Menos pessoas, portanto, estavam disponíveis para produzir alimentos, artesanatos e tecidos para as cidades, administrar as terras e os negócios. Segundo Duby, os territórios improdutivos foram abandonados, as terras produtivas e a quantidade de cidades diminuíram, todavia, os sobreviventes concentraram as riquezas em suas mãos e elevaram ainda mais o nível de vida[62].

---

59 DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000...,* p. 119.

60 DUBY, Georges. *Guilherme marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Tradução de Renato Janine Ribeiro. 3ª reimp. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987, p. 9.

61 DUBY, Georges. *O tempo das catedrais...*,p. 187.

62 DUBY, Georges. *O tempo das catedrais...,* p. 188; *Ano 1000, ano 2000...,* p. 86.

A partir de seus trabalhos sobre a morte, o historiador francês apresenta vários elementos constitutivos de suas cidades medievais. A morte, então, é um recurso extremamente visível e com importantes implicações sociais e psicológicas. Ela era vista e sentida no centro das cidades medievais. Os cortejos fúnebres promoviam a comoção coletiva, as epidemias, a preocupação e o medo de muitos. Por outro lado, ter a morte como uma vizinha tão presente, impulsionava o desejo pela vida. Duby certifica que logo que a peste negra entra em remissão, os arquivos dos notários se encheram de contratos de casamento[63]. E as cidades medievais deste historiador, portanto, também acolhiam a morte, a arte macabra, e todas as outras consequências do encontro entre a vida e a morte.

Considerações finais

Neste artigo, examinei várias obras de Georges Duby com o intuito de conhecer suas cidades medievais. Como este historiador percebia estas construções humanas? Para além da constituição física destes espaços, percebo que o mundo urbano de Duby estava diretamente vinculado às funções que se desenrolavam naquele universo. Aproprio-me das palavras de Ítalo Calvino para salientar que as cidades de Duby ofereciam respostas às perguntas dos indivíduos daquela época. Entretanto, das cidades do historiador também aproveitamos suas "sete ou setenta e sete maravilhas"[64]. As cidades de Duby eram feitas de lugares, edificações, ideologias, pessoas e por elementos invisíveis que ligavam todos estes subsídios.

Feiras e mercados marcavam a função econômica destas cidades. Às catedrais cabiam a função religiosa e, ainda, uma função cultural abrigada e anunciada pelas escolas e pelas universidades que nasciam no contexto medieval. A função política percorria cada reduto e era ressaltada especialmente nos momentos de conflitos pelo domínio do poder.

Certamente, cada cidade, cada região, resguardava suas particularidades. Características, estas, observadas atentamente por Duby quando ele restringe seus espaços de estudo ou a Ilha-de-França, ou a Aquitânia, ou a Itália, por exemplo. Sabe-se o quanto é significativo para a História escrita hoje o exame sobre as individualidades, sobre as diferenças. E estas peculiaridades são encontradas ao longo das obras de Duby. Elas marcam, entre outras coisas, a disparidade dos conhecimentos elaborados nas escolas de Paris e de Roma; a proeminência do poder temporal entendido como sagrado em Paris e a coetânea rejeição desta noção na Aquitânia, no sudoeste da França.

63 DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000...,* p. 86.
64 CALVINO, Ítalo. *Op. cit.,* p. 21.

Duby salienta, acima de tudo, que entre os séculos X e XIV as cidades medievais experimentaram um momento de renascimento, após muitos anos de fragmentação do poder central e de primazia das relações desenvolvidas no ambiente campestre. As cidades medievais de Georges Duby concentravam pessoas; impulsionavam a economia monetária; faziam florescer novas necessidades, como o luxo; fortaleciam sujeitos da história, como mercadores, intelectuais e artesãos; criavam novos e importantes agentes socioeconômicos, como os banqueiros; celebravam coletivamente a morte; e, cada vez mais, separavam o mundo urbano do rural. Mesmo após as diversas ondas epidêmicas que assolaram a Europa medieval durante os séculos XIV, as cidades, mais concentradas e mais fortes, continuaram a impor seus ritmos sobre os campos.